

O DIA DO RESERVISTA

Discurso pronunciado em nome da Liga da Defesa Nacional no "Dia do Reservista", no Salão Nobre do III Exército.

ARTHUR FERREIRA FILHO

Por designação de meu presidente, o ilustre ministro Poty Medeiros, tenho a honra de falar neste nobre recinto, em nome da Liga da Defesa Nacional.

Escolhendo o eventual presidente da Academia Rio-grandense de Letras que também é um dos secretários do Instituto Histórico e Geográfico, acredito fôsse intenção do presidente da Liga associar essas duas entidades às comemorações do "Dia do Reservista", promovidas aqui pelo III Exército.

No Rio Grande do Sul, — todos o sabem, — as armas e as letras têm andado sempre na mais patriótica e sadia camaradagem. Cinco cadeiras da Academia de Letras são patrocinadas por militares do Exército, sendo patrono daquela que eu ocupo o general João Borges Fortes, digno soldado e um dos nossos mais eminentes historiadores. Por aquela casa, nos seus sessenta e oito anos de existência, têm passado dezenas de militares, convivendo na fraternidade das letras com poetas, romancistas, ensaístas, como eles também o foram, sem prejuízo dos misteres de sua profissão.

O Instituto Histórico e Geográfico teve como fundador e seu

primeiro presidente o 3.º Marques de Souza, conde de Pôrto Alegre, o brilhante general de Montes Caseros, de Curuzu e da 2.ª Batalha de Tuiuti. Atualmente mais de um quinto de seus membros é constituído de militares, inclusive o venerando marechal Estevam Leitão de Carvalho.

Grandes escritores, homens de farda, têm enriquecido a literatura brasileira e ocupado, com distinção, cadeiras da Academia Brasileira de Letras, o mais alto cenáculo intelectual do continente americano.

E ninguém pode ignorar o alto valor intelectual, a profunda cultura literária daquele marechal Humberto de Alencar Castello Branco, o extraordinário cearense, o estrategista emérito, que instituiu Olavo Bilac como o patrono do serviço militar e que, depois de fazer a guerra, passou metódicamente pelo céu da política brasileira, deixando um rastro de tanta luminosidade, que o tempo não conseguirá apagar.

A data que hoje comemoramos tem uma importância transcendental nos destinos do Exército e do Brasil. Representa o marco da transição do velho e glorioso Exército das guerras do Sul e do Paraguai; do Exército de Caxias,

de Osório e de Sampaio; do Exército que fundou a República com Benjamim Constant e consolidou-a com Floriano Peixoto, para o Exército moderno, intrinsecamente nacional, a própria Nação, em armas, o Exército que Mascarenhas de Moraes conduziu aos campos de batalha da Lombardia e do Piemonte, onde os nossos pracinhas pisaram, vitoriosamente, o mesmo solo, pisado, outrora, pelos veteranos de Napoleão; o Exército de Rondon que abriu caminhos, integrando na civilização e na unidade da Pátria os imensos sertões bravios de Mato Grosso e do Amazonas.

Este dia recorda o mais belo e fecundo encontro de mentalidades em favor do Brasil.

A chamada campanha civilista de 1910 havia criado mal-entendidos e prevenções, seriamente prejudiciais aos interesses do País, e ainda não, de todo, eliminadas. Ao mesmo tempo, a primeira conflagração mundial fazia sentir seus efeitos deste lado do Atlântico, toldando os horizontes com nuvens pejudadas de ameaças.

Então, do seio da Liga da Defesa Nacional, recém-fundada, ergueu-se um poeta, o maior poeta do Brasil, estranho à política partidária e desambicioso de popularidade. Olavo Bilac, cujo ardor patriótico se patenteava em seus poemas, na sua prosa, nas suas atitudes, percebeu, com a sensibilidade dos predestinados, que era chegada a hora da ação. O que outros não viam, mergulhados no egoísmo, ele via, com os olhos fitos nos interesses da Pátria.

A lei do Serviço Militar obrigatório, votada depois de intermináveis discussões, jazia, há sete anos, como letra morta, sem que lhe fôsse possível dar execução prática; emperrada na resistência tenaz de um povo despreparado e na indiferença de uma elite comodista. As manifestações de civismo consistiam em comemorar as datas nacionais e exaltar liricamente as virtudes de regime republicano, sem uma palavra ao grave problema do reaparelhamento das forças da terra e mar.

Olavo Bilac, sozinho, tomou sobre os ombros a tarefa hercúlea de despertar a consciência brasileira, para a realidade que muitos, entre os maiores responsáveis, teimavam em não enxergar. Levantou a voz e sua palavra mágica, ouvida de norte a sul, inflamou o coração da mocidade que, acorrendo aos quartéis, removia, na beleza sublime de um gesto, a pedra de todos os entraves, que, durante sete anos, impedira a execução da lei do serviço militar obrigatório.

Sem apoio financeiro, com a quase indiferença das elites políticas e econômicas, só, com seus pequenos recursos, e sua grande fé nos destinos da Pátria, convencido do ensinamento de A. Comte, de que as leis só se tornam verdadeiramente operantes, quando aquêles que as devem obedecer adquirem a consciência de sua necessidade, empenhou a bandeira da maior e mais bela cruzada cívica que a nossa história registra, como realizada por uma única pessoa, e com ela desfraldada, viajou pelas diversas regiões deste País.

Começou falando às escolas. Indicou o quartel, a instrução militar, como base educativa das massas populares, para consolidar no espírito coletivo a consciência dos irrecusáveis deveres dos cidadãos, para com a sociedade e a Pátria.

Percorreu cidades, semeando entusiasmos, despertando esperanças e convocando todos os jovens para o aprendizado das armas.

Vindo ao Rio Grande, disse-sos estas palavras magníficas, que não me canso de repetir e que merecem a perpetuidade do bronze:

"Nenhum interesse próprio inflama o meu trabalho. Não espero, não quero e nunca aceitarei paga ou favores; nem cargos, nem posições, nem lucros, nem conquistas de popularidade, de dinheiro ou de honrarias. O que ambiciono é que todos os filhos da nossa grande terra sejam dignos da humanidade e brasileiros dignos do Brasil. Quero e sempre quis a instrução e a defesa do País pelos livros e pelas armas. Quero a escola dentro do quartel e o quartel dentro da escola. A segurança da Pátria depende da inteligência e da força; o estudo defendendo a civilização e a disciplina defendendo o estudo".

Eu tinha dezesseis anos quando ouvi essas palavras e nunca mais me esqueci. Decorridos mais de meio século, elas continuam ressonando nos meus ouvidos e repercutindo na minha alma, como

destacadas de um evangelho de civismo, nascido do coração puro de um patriota perfeito.

O ideal de Olavo Bilac, como o de todo o brasileiro digno, é a Pátria pacífica, mas armada. Essa fraternidade universal que todos desejamos, ainda se localiza na região do sonho; e o dia em que ela deverá chegar, é ainda tão remoto e fugidio, que nenhum historiador, ou poeta, ou profeta, se animaria a fixar entre as nebulosas do futuro. O que sabemos, nestes tempos de ferozes egoísmos e desconfiadas prevenções, é que ainda prevalece o velho mandamento latino do "si vis pacem para bellum".

Os organismos de justiça internacional, generosa inspiração de nobres pacifistas, ainda não conseguem impor suas decisões, se contrárias aos interesses de certos regimes, que visivelmente acalentam a perigosa esperança de dominação mundial.

Nação armada não quer dizer nação agressiva, nem significa ameaça aos vizinhos, tanto mais se tratando da nação brasileira que, em quase cento e cinquenta anos de vida autônoma, nunca usou a força para violar direitos, mas para restabelecê-los; nunca se moveu para ofender, mas para repelir a ofensa.

Os gregos da antiguidade classificavam os verdadeiros poetas em duas categorias; os aedos que cantavam os feitos e as glórias de seu povo, e os vates que previam o futuro da Pátria, alertando contra os perigos que a esperavam, se determinadas providências não fossem tomadas para conjurá-los.

Olavo Bilac participava de ambas. Foi o aedo quando cantou, em magnífico poema, a epopéia das Bandeiras e a figura gigantesca de Fernão Dias; e foi o vate, quando pregou com profética convicção o fortalecimento das Forças Armadas, pela obrigatoriedade a todos os brasileiros na prestação do serviço militar, prevendo o relevante papel a elas destinado, como poder estabilizador de harmonia social nas grandes crises da nacionalidade.

A palavra do Poeta frutificou na perfeita identidade da Nação com seus servidores armados, e continua com tóda a atualidade, em seu ideal de grandeza, convocando os brasileiros para a constante elevação da Pátria, que deve ser "forte para ser boa, armada para ser justa e rica para ser generosa".

Há precisamente um ano, triste episódio ocorrido no Parlamento, que por decôro não deve ser prolapado, mas por precaução não deve ser esquecido, nos adverte que a elegância moral de Olavo Bilac, a limpidez de seu patriotismo, merecem repetidamente lembradas, para o contraste exemplar da dignidade e da insânia.

Cinqüenta e dois anos antes daquelas diatribes lançadas contra os militares brasileiros, Olavo Bilac agradecendo a festa que aqui

lhe ofereciam a oficialidade da guarnição e o Colégio Militar, erguia a voz para dizer: "As armas e aos corações dos nossos heróis devemos até hoje a unidade da Pátria. Conservarei na minha memória um grande caminho por esta hora de intensa alegria cívica, e até ao meu último dia de vida, dedicarei a minha humilde sinceridade ao propósito da glorificação dos vossos serviços".

A semente lançada pelo Poeta germinou, cresceu e se tornou árvore frondosa que alimenta e agasalha. Dos quartéis saem anualmente milhares de jovens brasileiros, de regresso aos lares, habilitados com uma profissão que lhes permite ganhar dignamente a vida, tal como o Poeta desejou e previu.

Olavo Bilac, por seu talento excepcional, pela rara têmpera de seu civismo, e tenacidade de seu querer, prestou ao Brasil e às suas Forças Armadas serviços que o equiparam, sem favor, às personalidades mais eminentes da nossa história. Seu apostolado foi como o arco da aliança, envolvendo e fraternizando civis e militares, em tórno da suprema causa da Pátria; e ainda nos congrega, neste momento, para honrar este Exército que êle muito amou, e proclamar a pureza de sua glória imortal.